

Conjuntura acelera: a hora está chegando

A hora está chegando

O fim do mandato de Dilma parece mais próximo. Depois do racha com o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e de perder parte de suas bases, a Presidente agora se defronta com a aparição de Michel Temer como salvador da Pátria. Temer não deixou por menos: o país precisa de uma liderança capaz de aglutinar todos...

No programa do PT na TV, “panelaços” espalhados Brasil afora repercutiram apenas parte da imensa rejeição à Dilma (71% segundo pesquisa Datafolha esta semana, o pior desempenho de um presidente desde 1987, quando a série histórica começou).

Serra e Aécio reuniram-se com Renan e afirmaram que o impeachment ainda não está maduro. Mas está pela bola da vez.

No mesmo dia do panelaço, lideranças do PSDB defenderam que a população vá à rua no dia 16 pedindo novas eleições. Depois, ameaçaram um recuo.

A dúvida do PSDB parece cruel. Tira do governo sua inimiga, mas entrega o governo ao PMDB, ou evita medidas extremas, tentando sangrar a presidente até o fim de seu governo?

Na verdade, não há mais dúvidas. Imaginam que, se Dilma ficar, o ajuste, mesmo mambembe, pode funcionar, e o PT se recuperar com Lula. O PSDB escolheu ficar com um pássaro na mão.

Dão de lambuja que venceriam com folga uma eleição extraordinária agora. Podem estar enganados.

E as primeiras páginas confirmam

Globo e Folha mostram uma notícia sensacional. O presidente da OAS, Leo Pinheiro, foi condenado a 16 anos de prisão!

Pois bem, a notícia está em um cantinho da primeira página, parte inferior. No Valor, nem na primeira página aparece.

E o que temos na manchete? Dilma como a presidente mais impopular da História. E a seguir? O delfim Michel Temer pedindo paz e união e uma liderança capaz.

O caminho parece traçado.

A Folha se atrasa?

Em seu editorial de ontem, dia 6, a Folha diz que as condições não estão dadas para o impeachment. O editorial foi escrito anteontem ou o jornal quer ficar sem nenhuma responsabilidade no que vai acontecer?

Desvirtuamento de um ato e desmoralização da esquerda

Movimentos sociais, MTST à frente, estão convocando atos em vários estados para o próximo dia 20 de agosto. Pelo [texto de convocação](#) divulgado pelo MTST e assinado por diversos movimentos e organizações (inclusive nós da Ação Crítica), um dos eixos centrais da mobilização é a luta contra o ajuste fiscal. Na verdade, é o primeiro ponto do texto, sendo por isso o de maior destaque.

O PT e setores governistas, porém, começaram a convocar os atos do dia 20 com um chamado “pela legalidade e contra o golpe”. Não falam nada sobre a luta contra o ajuste. Não tecem uma crítica sobre a política econômica da Dilma, que sacrifica os trabalhadores. Querem dar à mobilização um sentido de defesa do Governo Dilma.

Ora, é o Governo Dilma que implementa o arrocho fiscal que será combatido no dia 20. Logo, não pode se tratar de uma defesa do Governo. Pelo simples fato de que esse governo é indefensável, como bem afirma Guilherme Boulos, dirigente do MTST e principal articulador das manifestações do dia 20.

Ao querer tirar o combate ao arrocho do centro da luta política e usurpar o sentido das manifestações do dia 20, transformando-a em uma pretensa defesa do Governo, o PT e setores governistas desmoralizam a esquerda, arrastando-a para a cova junto com a Dilma.

Não sobra um, meu irmão...

Deu na coluna do Ilmar Franco no Globo: “Os políticos trabalham com um cenário de crise sem precedentes no Congresso. (...) O juiz Moro está amarrando um pacote para enviar ao STF. Um presidente de partido estima que 20% dos 594 congressistas podem ser investigados”.

Isso significaria mais de uma centena de parlamentares sob suspeita. Não é à toa que, conforme pesquisa que citamos aqui na semana passada, o nível de confiança dos brasileiros nos políticos nunca foi tão baixo. Essa crise de legitimidade das instituições políticas, chegando a esse ponto, dificilmente será superada por um arranjo entre os congressistas atuais. Ganha a força a tese do filósofo Vladimir Safatle, de “refundação da República” via uma Assembleia Constituinte.

Indústria recua

O setor industrial brasileiro fechou o primeiro semestre de 2015 com retração de 6,3% segundo pesquisa divulgada pelo IBGE no último dia 4. Em relação a junho do ano passado, houve uma queda de 3,2% no mesmo mês deste ano.

A queda na produção industrial no primeiro semestre foi puxada pelo recuo de 20% na categoria de bens de capital (máquinas e equipamentos), que são indicadores de investimentos futuros, e de 14,6% na categoria de bens duráveis, como consequência da restrição de crédito e da restrição da renda familiar.

O desempenho da Indústria só não foi pior por conta do crescimento na produção de bens semi e não-duráveis, de menor valor agregado, muito por conta da desvalorização cambial, que alavancou as exportações, especialmente das commodities industriais.

Os números indicam que a recessão da economia no País não está próxima do fim, e deve perdurar ainda por mais algum tempo, gerando desemprego, queda na arrecadação do Governo e retração da renda dos trabalhadores.

Em compensação, o lucro do Banco Itaú subiu 25% no primeiro semestre deste ano. E a propaganda eleitoral da Dilma dizia que eram os outros que trariam sofrimento pras famílias do povo e fariam a alegria dos banqueiros...

FGV: Recessão começou em 2014 e vai se prolongar

Relatório divulgado pelo Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace) da FGV afirma que o ciclo de recessão por que passa a economia brasileira começou no segundo trimestre de 2014, e não terminará antes de 2016.

Segundo um dos pesquisadores do Codace, Paulo Picchetti, o país parece estar diante de um quadro recessivo de longa duração, mais próximo das três recessões registradas na década de 80, que duraram em média 8,7 trimestres, enquanto as cinco recessões registradas a partir de 1995 foram de 2,8 trimestres, em média. A atual já dura 5 trimestres. E, segundo declaração de Picchetti ao jornal Valor Econômico, “os sinais ainda são muito mais de aprofundamento da crise do que de retomada do crescimento.

No período que vai do segundo trimestre de 2014 até o primeiro trimestre deste ano, observou-se uma taxa média de contração de 1,1% em termos anualizados, segundo o estudo. Esse dado joga por terra o discurso dos defensores da desastrosa política econômica do trio Dilma-Matega-Arno durante o primeiro mandato da presidente. Ao contrário do que dizem eles, a crise não começou no segundo mandato, com o ajuste fiscal do Levy. Ela já vem de antes. A atual política, com a indefensável alta de juros e os covardes ataques a direitos trabalhistas e benefícios previdenciários dos trabalhadores, “apenas” agrava o que já estava ruim.

Ou seja: o governo Dilma é um desastre na economia desde o primeiro mandato. E não se emenda.

